

INVESTIGAÇÃO NARRATIVA EM CONVERSA: EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS DE VIVER, PESQUISAR E NARRAR

*NARRATIVE RESEARCH IN CONVERSATION:
EVERYDAY EXPERIENCES OF LIVING, RESEARCHING AND NARRATING*

 Lilian da Silva Ney ^A
 Débora Medeiros do Amaral ^B
 Aline Machado Dorneles ^C

^A Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil
^B Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil
^C Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil

Recebido em: 04 mar. 2024 | Aceito em: 17 set. 2025
Correspondência: Lilian da Silva Ney (liliansney@gmail.com)

Resumo

Neste artigo, assumimo-nos protagonistas da nossa prática educativa como narradoras dos nossos cotidianos de vida como espaço-tempo de construção de conhecimentos, experiências, garantia de direitos humanos e saberes. Contamos sobre nossas trajetórias como educadoras-pesquisadoras na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sob a perspectiva dos estudos com os cotidianos apresentado por Nilda Alves, Regina Leite Garcia, Carlos Ferraço, e outros, que nos educam sobre as produções de conhecimento de contextos educativos; das narrativas (auto)biográficas, trazendo como aportes, Clandinin e Connelly, Porta, Suárez; assumindo os princípios da conversa como dispositivo metodológico para narrar nossas histórias, construídas no acesso a direitos. Nossas tramas são narradas e apresentam compreensões e reflexões sobre a educação, sobre formas outras de educar e viver a universidade e a escola, possibilitando a vivência de pesquisas outras, marcadas por uma investigação-vida, atenta a liberdade de ensinar, aprender e pesquisar. Assim, documentamos narrativamente, assumindo a escrita (auto)biográfica como um processo investigativo. Assim, contamos nossos enredamentos pessoais, profissionais e denunciamos o quanto aprendemos sobre direitos humanos em nossos cotidianos educacionais e investigativos.

Palavras-chave: Escrita autobiográfica, Investigação narrativa, Cotidianos escolares.

Abstract

In this article, we take on the role of protagonists of our educational practice as narrators of our daily lives as a space-time for building knowledge, experiences, guaranteeing human rights and knowledge. We tell about our trajectories as educator-researchers at the University



2025 Ney; Amaral; Dorneles. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

Federal do Rio Grande, from the perspective of everyday life studies presented by Nilda Alves, Regina Leite Garcia, Carlos Ferraço, and others, who educate us about the production of knowledge in educational contexts; of (auto)biographical narratives, using Clandinin and Connelly, Porta, Suárez as contributions; assuming the principles of conversation as a methodological device to narrate our stories, built on access to rights. Our plots are narrated and present understandings and reflections on education, on other ways of educating and experiencing university and school, making it possible to experience other types of research, marked by life-research, attentive to the freedom to teach, learn and research. In this way, we document narratively, taking on (auto)biographical writing as an investigative process. In this way, we recount our personal and professional entanglements and expose how much we have learned about human rights in our daily educational and research lives.

Keywords: Autobiographical writing, Narrative research, Everyday school life.

Modos de habitar a educação e a pesquisa

[...]nenhuma teoria que não possa ser comunicada numa conversa cotidiana pode ser usada para educar o público.
bell hooks

Nós, mulheres educadoras latino-americanas da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, situada no município de Rio Grande, RS, Brasil, apostamos no desenvolvimento de pesquisas que tem a autoria como marca, que se reveste da palavra própria e das suas singularidades. Pesquisas com nome próprio, em desnudamento sobre o nosso estar sendo, que nos expõe às intempéries da caminhada e os desvios percorridos, mas, também, abre brechas no espaço-tempo,ⁱ aumenta nosso olhar para os silêncios, os assombros, as denúncias, as sensibilidades, o erótico, as existências. Um movimento relacional com o social, o tempo e o lugar, configurando um espaço tridimensionais da investigação narrativa, que nos levam compreender nossa experiência desde quatro dimensões: introspectivamente, extrospectivamente, retrospectivamente e prospectivamente (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Partimos de nossas experiências profissionais desenvolvidas em diferentes Unidades Administrativas e Acadêmicas da mesma Universidade, por compreendermos essas experiências como compromisso ético, estético e político, evidenciados pela voz autoral como afirmação desse compromisso, que se revela na e com a desigualdade, os silêncios, as memórias, as invisibilidades, as experiências, as cicatrizes, os transbordamentos. Cada uma de nós desenvolve atividades específicas, das administrativas à docência: Pró-Reitoria de Graduação, (Lilian Ney); Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, (Débora Amaral); Centro de Educação (Aline Dorneles), na docência relacionada à formação de professores.

Em nossos diferentes lugares de atuação profissional, de formação e investigativo buscamos outras possibilidades teórico-metodológicas, que valorizem a indagação, as subjetividades, o envolvimento, os afetos, a garantia de direitos, as experiências singulares e coletivas que compreendem os saberesfazeres como processos complexos, entrelaçados que se retroalimentam e, com isso, abrimos “brechas no tempo” (SKLIAR, 2018) para a reflexão e o debate sobre os cotidianos e as narrativas que nos constituem. São nos cotidianos que os direitos humanos são vividos ou negligenciados. Narrar nossas experiências

profissionais e investigativas é uma forma de compreender nossos lugares, temporalidades, compromisso social na garantia de direitos por meio de processos que educam para a liberdade de aprender e pesquisar. Um fazer reflexivo que nos mobiliza e nos instiga a voltarmos os olhos para nós mesmas, nossas ações, nossos modos de ser educadoras, movimentando-nos em várias direções, num processo recursivo, o que demanda pensarmos em nós como pessoas de direitos, caminhantes em um terreno que se forma no próprio ato do caminhar.

Somos integrantes do Grupo de Pesquisa Tramas Narrativas. Um tempoespaço que nos permite o encontro e a construção de conhecimentos que é tecido por meio de nossos cotidianos e do que ousamos pesquisar. Nos aprofundamos no estudo da investigação narrativa na educação em Clandinin e Connelly (2015) reconhecendo a experiência e a vida narrativamente, assumindo que a própria investigação seja uma experiência narrativa. Relacionamos o estudo da hermenêutica filosófica da palavra “experiência” em Dewey e Larrosa (DORNELES, 2016; DORNELES; GALIAZZI, 2022). Nessa direção, assumimos a escrita de relatos de experiência em diálogo com o dispositivo da documentação narrativa de experiências pedagógicas (SUÁREZ, 2008; DORNELES, 2016, DORNELES; SUÁREZ, 2023), relacionando a investigação narrativa centrada na experiência educativa que implica indagar nosso fazer pedagógico e pensar narrativo (CONTRERAS, 2016).

O Grupo de Pesquisa Tramas Narrativas é um lugar de registros narrativos, de afetos, de trocas, de ensinamentos e aprendizagens, um espaço relacional entre estudantes da graduação, da pós-graduação, professoras/es da educação básica, técnicas/os administrativas/os em educação, com estudos e investigações narrativas em diferentes contextos educativos. Nesses movimentos investigativos que narramos sobre a vida, a escola, os espaços formativos, a ciência, encontramos os direitos humanos como mais um fio que vai tecendo nossas formas de agir no campo educacional. Nossas pesquisas além de pulsar variadas formas de saberes e conhecimentos, também atuam como espaços de denúncias na negação de alguns direitos, afinal como educar para a liberdade sem a garantia de direitos básicos?

Nesse sentido, a conversa é terreno fértil para que nossas histórias que são construídas em tramas com tantas outras histórias, mais do que contadas, tornem-se lugar de escuta. Escutar como gesto ativo, como afeto, como desejo de estar junto, de deixar-se afetar pela fala do outro. Não há conversa sem escuta. Assim, como não há conversa sem o outro.

Entre pesquisas e cotidianos educacionais - encontros com a conversa e suas reverberações sobre direitos

No contexto de teorias e concepções que transitam no campo científico, muitas são as temáticas que se voltam para a Educação como forma de ampliar e visibilizar o que se tem articulado para pensar na formação de educadoras e educadores, em busca por compreender os movimentos e desafios que a vida real apresenta. Ao pensar sobre isso, indagamo-nos sobre nosso ato investigativo, nosso estar sendo educadoras-pesquisadoras, sobre aquilo que alimenta a pesquisa e a vida, aquilo que nos impulsiona e nos faz querer e desejar esse lugar. Um lugar permeado por *Eros*, como afirmação da indissociabilidade entre corpo e mente (hooksⁱⁱ, 2017), de entrega, de paixão pelo (im)possível, pelo (im)provável, compreendendo-nos sujeitos encarnados, um corposujeito que experiencia a vida e a ressignifica. E aqui, trazemos o direito à vida, à educação, à dignidade da pessoa humana, à igualdade, à liberdade de crença, e outros direitos garantidos em lei, como elementos que marcam e educam nossas formas de pesquisar e educar.

Assumimos outras linguagens, outros olhares e outros caminhos investigativos que nos convidam a metaforizar, criar, poetizar e narrar nossos modos de fazer Ciência, de aprender, de ensinar e de pesquisar na Educação. Buscamos superar a necessidade de objetivar e justificar uma Ciência qualitativa, partimos da ideia de uma polifonia de vozes, reflexões e olhares sobre a vida, as pessoas, as instituições e os direitos, e assim assumimos a conversa enquanto metodologia investigativa e educativa. Como metaforizado por Porta e Ramallo (2022) sendo um prisma que reflete externamente a beleza de um cristal, refratando dentro de si mesmo e criando diferentes cores, direções e modelos que permitem seguir por distintos caminhos.

Com isso, centramos nossas pesquisas na experiência pessoal e coletiva, nas histórias de vida, nas narrativas (auto)biográficas como possibilidade de produção de saberes e conhecimentos. Considerar as vozes que se contam e contam de seus cotidianos, de seu fazer educativo e investigativo “nas pesquisas narrativas, biográficas e autobiográficas é possibilitar a evocação da própria história, valorizando a experiência humana e reconhecendo aí uma inestimável riqueza para o conhecimento” (GUEDES; RIBEIRO, 2019, p. 38), encontrando nas conversas possibilidades para evocar essas histórias, “em conversações sempre humanas, irremediavelmente humana” (SKLIAR, 2011, p.66).

Nesse sentido, investimos em conversações que corroboram com nossas atuações formativas, profissionais e investigativas reconhecendo a legitimidade e a autoria de quem narra. Pensamos a educação e os direitos humanos, não como mera transmissão de conhecimentos, mas como possibilidade de instigar e transformar em nós e no outro, diferentes modos de pensar, de ser e de viver no mundo. As conversas vividas em nossas pesquisas, em nossas atuações enquanto profissionais da educação, nos contam da vida, ressoam sobre direitos vividos e negados, reverberam sobre essa relação tão íntima que algumas formas de educar assume, enquanto um ato amoroso de garantia de direitos.

Direitos esses que são narrados com nossas palavrasmundo (FREIRE, 1989) polinizadas com os significados e significações da experiência de vida de cada uma e cada um de nós, proporcionam fundamentos teórico-epistemo-metodológico que nos permitem um (re)conhecimento sobre nós, sobre o que sabemos e como o sabemos, e nos convidam a busca por estratégias em que se possa aprender, educar e pesquisar com liberdade.

A importância de relatar a experiência se coaduna com a cosmogonia e a cosmovisão apresentada por Krenak (2019) de compreender e compreender-se no mundo, o que, narrativamente, implica nas singularidades dos sujeitos que narram sua história, organizando, assim, a sua experiência de vida, ressignificando a sua história, vivida no coletivo, em sociedade. Nesse sentido, narrar sobre as condições de vida existentes nos contextos educacionais em que atuamos, têm nos educado sobre a possibilidade de existir, na e pela palavra, construindo uma teia na qual os saberes e conhecimentos podem circular e serem apropriados por outros sujeitos na garantia de seus direitos.

Lilian, caminhando ao encontro do erótico em narrativas que (se) contam

*Nem tudo o que escrevo, é sobre mim
mas, tudo o que escrevo, habita em mim.*

Lilian Ney

Sou uma investigadora feminista latino-americana, aberta ao desconhecido, ao improvável, ao inusitado, às coisas minúsculas do cotidiano, olhando a mim mesma

constantemente, como construtora do mundo, sujeito encarnado, vivendo em sua complexidade os

transbordamentos carregados de sentidos, de experiências, de emoções, de pensar diferente do “assim das coisas”, *como* um exercício contínuo de construção e desconstrução ao investigar os saberes e experiências narrados pelas mulheres trabalhadoras em educação, não docentes, como modos outros de explorar possibilidades para refletirmos sobre nossas ações cotidianas como movimento de luta e empoderamento (NEY, 2021, p. 2-3).

As palavras que escolho para escrever, não são quaisquer palavras. Eu verso palavras poéticas para falar de mim e de minhas experiências, buscando fragmentos de memória para me contar, recriar a experiência vivida, renascer pela palavra, como forma de dar sentido e forma narrativa à vida. Palavras-vivas, palavras-imaginação, palavras-poesia, palavras-criação, palavras-transformação, palavras-encarnadas, palavras-eróticas, palavras-empoderamento, palavras-vida, palavras-vivas. A palavra nasce e faz nascer.

Com a palavra, eu, mulher, narro minhas memórias, como um ato político de contar-me, de contar aquilo que renasce pela narrativa, nomear o que estava guardado, esquecido, invisibilizado, para que se torne vivo outra vez, nítido, pulsante, ativo, presente. Em conexão com o outro, abrimo-nos à escuta, criamos espaços de compartilhamentos que nos abrigam e nos acolhem, pois é nas trocas humanas, no encontro das palavras, nesse emergir narrativo que a experiência acontece.

A seguir conto mais do que minhas histórias de vida, profissional e investigativa. Conto de uma memória-experiência e de como sou afetada por ela. Esse contar da experiência, é o que me inspira a pensar, também a educação e as nossas pesquisas por esse prisma. É o afeto que movimenta o agir. Paramos. Olhamos. Escutamos. Narramos.

Quando eu era criança queria ser professora. Colocava bonecas alinhadas em frente a uma parede e as ensinava o que eu sabia, o que eu aprendia na sala de aula. Também, preparava comidinha para elas. As folhas e as flores do jardim da minha mãe viravam sanduíches, bolos e outras guloseimas que a minha imaginação inventava e a hora do recreio virava uma grande festa. Quando cheguei na adolescência já não queria mais ser professora. Era a época das secretárias. Filmes com mulheres empoderadas, protagonistas de suas vidas, conquistando seu lugar no mercado de trabalho me enchiam os olhos daquela força motivadora de que fala bell hooks, o erótico tomava conta do meu corpo, da minha mente, eu desejava toda aquela vida que eu via pela tela da TV. Cursei Secretariado no Ensino Médio, na Escola Técnica Estadual

Getúlio Vargas, em Rio Grande, na qual anos mais tarde, também trabalhei por seis anos como educadora não docente. O glamour dos filmes era muito diferente dos ensinamentos da sala de aula. Disciplinas herdadas de uma ditadura que durou pouco mais de vinte anos, tinham por objetivo moldar jovens, na sua maioria mulheres, à lógica da colonialidade. Talvez, resida aí, minha vontade de resistir pela palavra poética. Trabalhei algum tempo como secretária em algumas empresas da cidade, mas os acontecimentos da vida me levaram para outros caminhos. Em 1988, três anos após o fim da ditadura militar e o retorno das eleições diretas, garantida pela promulgação da Constituição Federal do Brasil, eu prestava vestibular para Pedagogia. Aos 25 anos, casada, com um filho pequeno, enfrentava as adversidades de estudar a noite dividindo espaço com a maternidade e os cuidados com o lar. Dois anos após, preciso abandonar os estudos e partir para a capital, acompanhando meu esposo, em busca de melhores oportunidades de trabalho. Os anos passam rápido e no raiar do novo século, retorno à academia e, finalmente, me torno Pedagoga. No ano seguinte à formatura, presto concurso público e em 2003 começo a trabalhar numa escola pública como Agente Educacional - Interação com o Educando ou como era e ainda é chamado, Monitora. Foram as primeiras experiências como trabalhadora em educação não docente. E, em 2013, passo a integrar o quadro de servidoras/es, como Técnica Administrativa em Educação na FURG, após concurso para Pedagoga. Em 2019, uma conversa carregada de afeto, de amorosidade, abrindo uma brecha no tempo, trouxe o convite para cursar o Doctorado en Investigación Narrativa y (Auto)biográfica, da Universidad Nacional de Rosario - AR. E, aqui estou envolvida pelas minhas memórias, uma mulher forjada pela vida, constituída das experiências que me trouxeram para o campo narrativo, superando os limites da idade para seguir sonhando e buscando minha própria utopia.

Narro a experiência vivida e sentida nesses espaços profissionais e investigativos, como forma de compreender nossos lugares e temporalidades, nosso compromisso social, educativo e, sobretudo, nosso compromisso político. O convite para o Doutorado é legitimado nesse espaço-tempo de construção de conhecimentos. Assim, esse relato, apesar de estar sendo escrito individualmente, é um texto grávido (GALEANO, 2002) de outras pessoas e de suas narrativas. É fruto de muitos encontros e conversas e resistências.

Esses encontros acontecem nos grupos de pesquisa, nas conversas no sindicato, nas reuniões de trabalho e também, nas experiências sociais, nos saraus que organizo com outras mulheres, nos coletivos de escrita dos quais participo, e tantas outras oportunidades de estar com, de estar junto, de compartilhar esses momentos. Caminho e me constituo nesse cotidiano

diverso, múltiplo, inseparável, uma trama complexa de experiências, práticas, teorias, encontros potencialmente dialógicos nos quais vou tecendo a vida, a pesquisa, a experiência e as narrativas que contam desse universo que me oferece suas águas para matar a sede de saberes e conhecimentos.

O grupo Tramas Narrativas é um desses espaços, no qual tive a oportunidade de pensar modos outros de fazer pesquisa. Neste espaço-tempo relacional de partilhas de experiências, de afetos, de trocas, de ensinamentos e aprendizagens, conversamos, estudamos e investigamos diversas narrativas em diferentes contextos educativos.

É um exercício de escuta que nos possibilita aprender com as experiências pedagógicas e investigativas, com as histórias de vida compartilhadas pelas/os integrantes do Grupo. De uma forma político-poética, espichamos o olhar, (re)criamos sentidos para os acontecimentos vividos no cotidiano, narramos e nos narramos a partir das nossas experiências (CLANDININ; CONNELLY, 2015). Um movimento que não cede às explicações, mas que se apropria do vivido, da própria vida, com estilo próprio e intencionalidade. Somos autor/as, narrador/as e personagens de nossas histórias, marcado pela autoria narrativa.

Ao dar forma e conteúdo às minhas memórias, vou me compreendendo como mulher latino-americana. Escrever sobre minhas experiências é uma forma de não sufocar diante do assombro que é a vida. Narrar é uma forma de resistir, reexistir, de não esquecer, de esperançar, de me reinventar. Teço palavras, ressignifico passados, rememoro minha mil avó, comemoro, agradeço, amo, VIVO!

Ainda estou em desconstrução do meu colonialismo interno, o que requer, a partir de leituras decoloniais, a compreensão desse processo cotidiano como um caminho, um caminhar para (me) perceber de outros modos, de me olhar de novo e mais atenta, de romper com a ideia de inferioridade feminina, combater o racismo, o etarismo, o sexism, a lgtbqia+ fobia e toda e qualquer forma de preconceito, inferiorização e silenciamento autorizado pelo projeto colonialista eurocêntrico.

Para isso é preciso aprender a ouvir o que o cotidiano nos diz. Reinventando esse verbo ouvir e transformá-lo no verbo feminista escutar! Escutar como falam Débora Diniz (2022), Deise e Silene (2022) e Tiago Ribeiro (2022). Com Débora, estou aprendendo a ser uma “escutadeira feminista”, com Deise e Silene, a “escutatória”, movimento que congrega de forma horizontal, raízes ancestrais e com Tiago, o convite para deixar entrar “essa imagem sonora” em nós.

Quanta poeticidade nessas palavras, nas de Débora, Deise e Silene e Tiago. Encantamentos que nos aproximam, que ressuscitam em nós o *Eros*, muitas vezes apagado, ou melhor, dizendo, enclausurado pela lógica patriarcal colonialista que infesta nossa sociedade. Conversar é um convite a pensar inquietudes, bonitezas, encantamentos, existências. Por isso, a conversa nos é tão cara, pois ela é uma experiência no campo do acontecimento, nos possibilita espichar nossos modos de ver, sentir, viver, compreender a nós mesmas/os e ao mundo.

É sobre esses transbordamentos que quero conversar, sem deixar de fora das conversas as utopias que me constituem: o amor, a família, as amizades, a imaginação, o abraço, o esperançar, os afetos, o tempo. Desse modo, vou adentrando nesse labirinto investigativo que acontece no cotidiano universitário como um convite a pensar educação e seus saberesfazeres em seus movimentos reflexivos, complexos, formativos, éticos, estéticos, políticos e poéticos, sem descuidar das nuances afetivas, criativas, imaginativas.

Adentrar nesse labirinto é mais do que uma tomada de posição, é apostar na investigação, na narrativa, nas conversas como dispositivos para me contar e nesse processo me compreender participante da pesquisa e não só pesquisadora. “Narrar a vida e literaturizar a ciência”, sussurra Nilda Alves (2003, p. 30), histórias que urgem serem narradas, tornando esses registros de memória os fios de Ariadne que me conduzem pelo labirinto investigativo.

Movimentos que polinizam saberes e conhecimentos, recriam outros saberes e significações, o aprenderensinar com o outro, produzindo outros modos de pensarviver a vida, os processos pedagógicos, os movimentos educativos, as ações formativas. Enfim, Impregnar-me de Eros e sua força motivadora enquanto escrevo, ou melhor, reescrevo minha vida de educadora e pesquisadora latino-americana, nesse processo narrativo de reinventar memórias.

Débora, a menina que mirava o mundo por debaixo da franja

Escolhi um texto escrito em 2021, no formato carta, para compartilhar algumas marcas, reflexões e experiências dos tempos pandêmicos, ainda presentes, que atravessam nossas rotinas, cotidianos, práticas educativas e existências. Penso, e por isso registro, que os anos vividos com as marcas pandêmicas escancaram fortes exclusões sociais, e nos convidam a pensar a educação em trama com os direitos humanos, buscando traçar propostas que visem denunciar o acesso a direitos básicos. Cada palavra aqui escolhida para tecer essa carta faz-se

em uma conversa com o tempo, uma vez que a pandemia provocada pela COVID-19, por tantas vezes parece ter suspendido a cronologia e acelerado a força do tempo.

Rio Grande, dias de escrita de 2021.

Tempo

Escrever tem sido uma vontade, uma presença e uma busca nesses dias presentes. Os dedos não param, são tantas mensagens, e-mails, textos e mais textos que exercem o compromisso de comunicar, pedir, avisar, construir. Os cadernos vão sendo preenchidos de listas, demandas e ideias de trabalho. O exercício da escrita aumentou com o trabalho remoto. E junto com a escrita, a leitura! A primeira ação da manhã, ainda com os olhos abrindo é o susto por poder ter perdido alguma mensagem importante registrada em nossos celulares, ter deixado algum compromisso passar, ter esquecido alguma reunião.

Acordar! Uma ação que eu gosto de fazer de forma espontânea, no tempo e nos sinais do corpo, o que é um sonho e um privilégio de poucos dias, pois geralmente meu sono é interrompido pelo som do despertador, e na soneca, me iludo a cada 5 min pelo prazer de voltar a dormir. Um dia desses sonhei que eu era estudante, e rapidamente voltei a dormir, fazendo conta de cabeça do meu percentual de frequência nas aulas da graduação. A gente bem que podia ter a regra de percentual de frequência no trabalho, imagina: direito a 25% de carga horária do trabalho e da vida para fazer o que tem vontade!

Trabalhar, escrever, dormir, acordar, resistir! Cinco verbos que vem marcando meu cotidiano, provocando marcas no tempo, no corpo e na vida. Resistir, insistir, resistir! Mas como? Efeito ostra? Efeito bolha? Não brigar mais por política? Não fazer confrontamentos? Cuidar mais de mim?

Quantas perguntas! Somos grandes companheiras! Desde de pequena, quando ainda olhava o mundo por debaixo da franja, tinha a habilidade de fazer perguntas e já me intrigava com a vida e o tempo. Lembro de ficar me questionando sobre as muitas desigualdades sociais que meus olhos percebiam. Me perguntava sobre o nome das coisas, as origens e amava fazer perguntas às pessoas! Quem tu és? O que tu faz? De quem tu gosta? De onde tu conhece meu pai?

Nesse acelerado do tempo, nessa insistência cada vez mais forte que ele tem de passar pela gente, ou de nos fazer correr sobre ele, fui perdendo ou guardando em algum lugar pedaços de mim: perdi um tanto de inocência, um tanto de fé, um tanto de crença no outro, a franja, a

liberdade de dormir mais, mas a habilidade com as perguntas segue aqui, me acompanham! Parece que elas só aumentam! Nasce uma pergunta, que gera outra, que chega acompanhada de muitas perguntinhas.

De 2020 para cá, tenho vivido dias de muitas perguntas! Algumas eu ainda não tive a ousadia de escrever, ou mesmo pronunciar em voz alta. Os tempos de incerteza são como adubo para fazer brotar perguntas. Quando inseguros, nos perguntamos mais sobre a vida, sobre o que fazer, e o que se passa. Aos poucos vamos perdendo a capacidade de perceber o presente, o tempo do agora, porque somos envolvidos por um conjunto de perguntas que nos levam ao futuro.

O mundo virou! E nós, seguimos aqui, abrindo brechas, provocando pausas nesse presente acelerado, acreditando no poder do encontro e no poder da palavra. Nos movemos entre sentimentos de caos e esperança. Mas na roda se faz o giro!

Tempo, quantas vezes cantei como um pedido de paz: tempo, tempo, tempo, faço um acordo contigo! Na maioria das vezes parece que esse acordo de paz é esquecido, pois tem dias que as horas escorrem entre os dedos, tem dias que não dou conta do tanto de cobrança, trabalho, sonho! Ah e sono! Mas tem momentos que você me escuta, e quando a gente entra em acordo, eu passo a entender o que o Skliar escreveu: “uma conversa abre uma brecha no tempo”. Essas brechas me levam a memórias de encontros! Os passeios com meu filho, aqueles olhos brilhando e aquele tanto de conversa, regada a perguntas e descobertas sobre a vida ainda está aqui em mim, Ali, você me permitiu te viver com outra intensidade. A maternidade passa muito depressa, você não perdoa, um dia a gente tem um bebê no colo, um conjunto de perguntas e preocupações com o futuro, e no outro, eles estão crescidos, cuidando de si e fazendo suas escolhas de uma forma lindamente independente. Mas há brechas no tempo, ah as brechas no tempo! Quando li Skliar pela primeira vez, pensei que as brechas eram pausas, uma tentativa de parar o tempo. Mas aqui, em conversa contigo por meio desta carta, começo a perceber as brechas como um portal pactuado com a memória, que a gente entra e quase revive a alegria de um momento.

Quando pensei na escrita desta carta meu pensamento moveu-se para a necessidade de contar para ti quem eu sou e porque quero conversar contigo! Eu ainda sou a menina que mirava o mundo por debaixo da franja! Eu ainda tenho o riso solto, a curiosidade no olhar, a alegria no encontro e a segurança num abraço. Ainda gosto das perguntas e de saber das pessoas. Acho que essas presenças que ainda me acompanham foram alimentadas na escola, na convivência com as crianças, as famílias, as descobertas e os muitos desafios. Sim, eu tive a alegria de ser

professora, coordenadora pedagógica e diretora escolar, mas isso você sabe, afinal, organizamos nossas ações escolares sempre orientadas por você, planejando cada ano letivo, fazendo contas para dar conta do futuro! “Preparando” professores e estudantes para alcançarmos nossas metas e compromissos escolares.

E foi essa urgência de futuro que me levou a pensar sobre a Escola do Presente! Que escola podemos ser para as crianças de 4 anos, suas especificidades e necessidades? Que escola podemos ser para os estudantes da Educação de Jovens e Adultos de mais de 60 anos? Para eles, a escola que prepara para algo não é suficiente! O que precisamos viver para ser uma escola do presente? Como superar as armadilhas sutis do cotidiano que nos fazem viver um futuro que por vezes não chega? Quantas horas gasta preparando um menino para o mercado de trabalho, para o concurso, para o vestibular? Um menino que não consegue chegar ao Ensino Médio porque teve sua vida interrompida por 8 tiros. E se, somente se, ao invés da preocupação com o futuro e com o preparar a gente tivesse falado sobre a vida, sobre as dúvidas e incertezas do agora?

Tempo, tenho entendido que você se apresenta em diferentes temporalidades: passado, presente, futuro! Apesar de medir você por uma experiência Cronos, sou profundamente afetada por sua presença Kairós. Uma poeta linda, que eu amo, Cora Coralina, escreveu que *se a gente cresce com os golpes duros da vida, podemos aprender com os toques suaves na alma*. É com seu lado cronos, que aprendo a importância do seu lado Kairós. É na sua versão Kairós que as brechas se abrem!

E é neste movimento, trazendo as marcas do cronos, experienciando Kairós, que finalizo esta carta clamando por uma escola do presente e da presença! Que nossa memória, enquanto compromisso social, possa nos permitir a experiência de muitas brechas no tempo, e que nesse revisitá-la (a vida, a docência, os encontros) a gente possa ressignificar nossa existência, nossa relação com o outro, nosso encontro com um mundo marcado por mais alteridade, afeto e vida.

Assinado: A menina que mirava o mundo por debaixo da franja

Ao reler essa carta, tive a certeza de que seria importante compartilhá-la neste artigo. Os atravessamentos da vida nessa experiência tempo se faz marcada pela garantia e negação de direitos. A carta nos conta sobre algumas vulnerabilidades sociais, que vão desde os processos formativos, do trabalho, da docência, da diversidade geracional que as escolas abarcam à realidade socioeconômica e marginalizada de nossos jovens, adolescentes e crianças. Foi no

cotidiano escolar que aprendi sobre a negação de direitos humanos, sobre miserabilidade e exclusão social.

Atualmente, minhas trajetórias enquanto investigadora narrativa, estão sendo vividas em movimentos de memórias, num transitar entre passado, presente e futuro. Atentar para alguns movimentos vividos no passado, em especial na relação universidade e escola, os cotidianos e as gentes da educação básica, me provoca a partilhar alguns saberes da experiência, constituídos na e com a escola. Atentar a este passado é também compor uma reconstrução da memória escolar a partir do ponto de vista e do lugar de fala de quem o vive, na tentativa de borrar (ou quiçá, pôr em dúvida) os discursos que têm colocado a escola e seus praticantes no lugar da falta, discursos que negam a potência da escola. Neste sentido, sigo me movendo enquanto pesquisadora guiada por perguntas, mas uma em especial acompanha meus processos investigativos: o que podemos aprender sobre direitos humanos com as vozes e experiências desde a escola e não sobre ela?

Aline e suas tramas nos cotidianos narrativos

Narro de mim no encontro com as experiências tecidas no coletivo, nas redes de formação docente, na investigação narrativa (auto)biográfica. A carta, a seguir, apresentada está ampliada em suas compreensões e interpretações em um texto sobre nossos estudos sobre cartas-narrativas (DO AMARAL; DORNELES, 2022). Assim, convido a leitura e partilho uma carta-narrativa inspirada nas palavras de Clarice Lispector (2004) como modo de dar início a escrita desta carta.

Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva. [...] Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Que pena que só sei escrever quando espontaneamente a “coisa” vem. Fico assim à mercê do tempo (p.179).

Escrever para mim é também uma maldição que salva, ainda bem! É sobre o processo de escrever na minha constituição docente que essa carta-narrativa é tecida, uma escrita que salva minha timidez de falar, ainda nos tempos da graduação, salva a vontade de expressar os sentimentos em uma folha de papel, e salva, principalmente, meu desejo de encontro com minha própria história como professora, escritora e pesquisadora. E assim, que escrevo. Deixo que a “coisa” chegue, por vezes, rascunho em folhas de cadernos, e depois tenho prazer de reencontrá-

los. Já percebi que a “coisa” chega quando permito abrir-me para uma experiência estética, vou detalhar, no decorrer dessa carta, essa minha ideia. Agora, quero me apresentar.

Nos meus últimos 16 anos de formação acadêmica e profissional, talvez um pouco mais, me dedico aos processos de escrita narrativa. Comecei com a escrita em diários, sendo o modo que encontrei de falar, pois a timidez me silenciava nas aulas da graduação em Química Licenciatura. Entre meus escritos tomei a decisão de que queria ser professora, não me identificava com as pesquisas em laboratório, muito menos em ser uma pesquisadora na área de química, mas tinha a certeza de que queria ser professora de química. Na docência consigo viver a experiência da impermanência e do imprevisível, no encontro com o outro, na conversa e na partilha de saberes.

Hoje, nos meus quase 10 anos como professora, aprendi que falar é preciso, e que por vezes, também é uma maldição. Uma pena que hoje meus escritos ficam a mercê do tempo, ou melhor da falta de tempo para que uma frase possa nascer. Por isso, desejo estudar e escrever sobre os processos de escrita na minha atuação profissional, com as ressonâncias que o escrever favorece ao ser professora e pesquisadora na formação de professores.

Tenho um desejo de estudar a respeito da escrita de cartas como um modo de narrar de si e do outro. E, nesse processo reencontrar-me, talvez, com textos já lidos, e na impermanência da vida perceber que não sou mais a mesma, e caso ainda tenha alguma certeza, que essa possa ser ressignificada a cada leitura e escrita, assim desejo! Quero viver a abertura para pensar e aprender sobre a escrita de uma carta e, de modo singelo e inicial, arriscar-me a escrever minhas primeiras cartas pedagógicas.

O que escrevi até aqui, seria uma carta-narrativa? Quais as dimensões formativas de uma carta? Como mobilizar a escrita de cartas na formação docente? As perguntas convidaram-me para o estudo, e me mobilizam a fomentar a escrita de cartas de professores e professoras como um ato pedagógico, um ato político, um ato estético, pois escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível...

Fiz uma pausa e após alguns dias retorno para escrita, reencontro minhas próprias palavras tramadas nas reflexões sobre o ato de escrever e suas ressonâncias que ainda desejo compor na escrita dessa carta-narrativa que documenta o viver e sentir da escrita de uma carta. Nesses dias do mês de novembro busquei estudar, ler e dialogar a respeito da experiência estética a partir do reencontro com algumas narrativas escritas e vividas no contexto da pandemia. Deixo aqui um fragmento narrativo escrito em maio do ano de 2020:

São seis horas da manhã de 12 de maio do ano de 2021, pela janela um amanhecer com um céu nublado, frio e úmido. Em dias nublados, lembro-me de uma amiga brasileira, que conheci na Argentina, do qual fala que “dias cinzentos são um convite para encontrar a beleza que ali existia, as cores podem estar sem brilho do sol, mas elas existem é só você olhar! Desse modo, ela me animava a sair nos dias frios e nublados do inverno argentino. Hoje amanheci sem o registro do sol nascer, meditei, agradeci e tomei uma xícara de café! Agora pensando, a beleza estava ali! Tal reflexão leva-me ao encontro com a experiência ontológica que, enquanto experiência, dá-se antes de toda atividade reflexionante. O verdadeiro motor da reflexão é a experiência do desconhecido e do estranho. “Trata-se aqui, sempre, de algo ou de alguém que se encontra à nossa frente e, como tal, dirige-se a nós e inquieta-nos, devido única e exclusivamente ao fato de ser outro que nós mesmos” (p.28) Nas primeiras linhas do texto aponta inquietudes que leva a pensar a filosofia gadameriana, a ideia de reflexão humana como uma reação ao que nos acontece no mundo. Remeto a experiência narrada dos dias cinzentos que me inquieta, e busco nesses dias encontrar a beleza, desconhecida ou estranha aos meus olhos!

Escrevo e reescrevo para alimentar meu desejo de contemplar a beleza e o esperançar de dias melhores e menos desiguais. Hoje encontro-me renovada com a chegada do mês de novembro, mesmo que acelerado por vezes, como a intensidade dos dias de verão que se aproxima e nos aguça a querer viver mais, a caminhar, sentir calor do sol e a contemplar a beleza das flores, cores e cheiros. Cá estou/estamos há quase dois anos atravessados pelo contexto pandêmico em nossas vidas pessoais e profissionais.

Quais as palavras nos representam como professores e professoras nesses últimos tempos? Talvez reinventar, repensar, recriar, reexistir, reviver, reencontro, dentre outros... Aqui remeto a pensar e conversar sobre as palavras que começam com “re”, sendo palavras que carregam a ideia de “mais uma vez”. Jorge Larrosa em suas reflexões nos diz que mais uma vez estamos aqui repensando os contextos educativos, visto que há um conjunto de gestos que pertencem ao ofício de ser professor, como o interesse, o compromisso e a atenção, como elementos principais dessa árdua tarefa de um viver um ensino remoto, online, híbrido e/ou presencial.

E, remete também que mais uma vez é preciso reviver o ofício de ser professor ao resgatar uma ideia de beleza que precisa ser compartilhada, sendo a beleza como algo que exige

um distanciamento, sendo a beleza aquilo que você não pode se apropriar, mas sim contemplar e admirar, pois a beleza demanda também parar.

Uma carta-narrativa pode vir a ser um modo de contemplar, de parar e admirar a beleza de viver a escola e a nossa profissão docente. Escrever nos exige parar, ir mais devagar, afinal, o falar pode ser acelerado, mas para o escrever é preciso ter tempo, alinhar as palavras e as ideias, talvez seja um modo de lidar com esse “aligeiramento” do tempo, e permitir que a beleza possa ser percebida, que as formas de beleza possam ser traduzidas na escrita de uma carta.

A conversa não termina aqui - inconclusões

A escrita deste texto nos permitiu compreender que, ao assumirmos o caráter político de uma investigação narrativa, que se debruça a olhar atentamente as pessoas que habitam os cotidianos educacionais com suas histórias e presenças é também, tecer diálogos sobre a garantia e ausência de direitos.

Discutimos, refletimos, escrevemos, não necessariamente nesta ordem, sobre nossas histórias de vida, sobre as experiências vividas nas salas de aula, nos encontros formativos, nas atividades educativas, (com)partilhando nossas experiências pedagógicas e investigativas, atentas as denúncias de tantas negações de direitos, dentre eles, direitos humanos.

Nesse sentido, como quem abre brechas no tempo (SKLIAR, 2018), espicha o olhar, (re)cria sentidos para os acontecimentos vividos no cotidiano, compreendemos que investigadores narrativos, de acordo com o referencial canadense “tendem a começar com a experiência assim como é expressa em histórias vividas e contadas” (CLANDININ E CONNELLY, 2015; p. 73). As histórias que sensivelmente ouvimos nos contam da vida que é para além da escola, mas que nela ecoam. Não podemos falar em vida, sem falar na presença e garantia de direitos, quando compreendemos que o ato de educar é também o ato de reconhecimento de direitos sociais, políticos, ambientais e culturais.

Ademais, narrar nossas histórias e experiências, acreditando num outro mundo possível é uma forma de enfrentamento ao modelo e às manifestações do pensamento ocidental, patriarcal, colonialista, que sustenta e impõe barreiras sociais, morais, acadêmicas, investigativas e narrativas com as quais ousamos romper. Uma ousadia que aposta na construção de um modelo de sociedade que prioriza a vida por meio da garantia de direitos a todas as pessoas, em busca de uma sociedade justa e igualitária, que respeita as diferenças.

Defendemos com bell hooks (2017), a ideia de que a educação é capacitante, ou seja, aumenta nossa capacidade de sermos livres, e assim nos tornamos pensadoras/es críticas/os. Sermos pensadoras críticas, pesquisadoras críticas, educadoras críticas, implica sairmos do lugar comum, da nossa rede de conforto, da mesmidade, o que se dá no encontro e nas conversações com o outro. É preciso desacomodar o pensamento, mergulhar nos cotidianos em busca do que não está à vista, das coisas minúsculas, e assim, denunciar e reverberar vozes que não podem por meio da pesquisa e da escrita narrar-se.

As conversas resultantes desses encontros proporcionaram outros modos de fazer, pensar e viver educação, possibilidades de tecer a vida, a formação e a educação, aprendendo com o passado, construindo no presente e planejando o futuro, em constante movimento. Movimentos que nos constituem e educam em liberdade, pois

(...) estas experiencias colectivas de movilización intelectual y político-pedagógica, que suponen procesos de formación y desarrollo profesional docente centrados en la investigación pedagógica de la experiencia escolar, se vienen pensando y estudiando como modalidades nuevas o alternativas de organización social y técnica de y entre educadores para la producción, publicación, circulación y validación de saberes pedagógicos desde la recuperación, reconstrucción y documentación de la experiencia escolar. (SUÀREZ, 2016, p.33-34).

Nesse sentido, as palavras de Suárez nos fazem pensar sobre nosso compromisso enquanto educadores e pesquisadoras narrativas, em trazermos para nossas escritas e pesquisas as vozes e palavras daquelas que compartilham suas vidas em nossos cotidianos educacionais, e assim, nos permitem compreender a necessidade de uma educação que eduque para a garantia de direitos. Por isso, dialogar com perspectivas teóricas e epistemológicas que permitam vivenciar outras formas de ser e fazer ciência, nos permitam pensar a construção do conhecimento atrelado à vida, ao humano e ao cotidiano, assumindo nossas incompletudes, nosso inacabamento (FREIRE, 1986), na constituição de educadoras-pesquisadoras que se colocam como mulheres da experiência, e assim, expostas, receptivas, disponíveis, abertas, mulheres investigadoras que, inspiradas pelas provocações das conversas e escutas, buscam viver a experiência como um gesto que compõe a investigação narrativa.

Referências:

ALVES, Nilda. (2008). *Decifrando o pergaminho* – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (org.). Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas sobre redes de saberes. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A.

ALVES, Nilda. (2007). *Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos*. Revista Teias, 4(7), 8 pgs. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23967/16939>

CONNELLY, Michael; CLANDININ, Jean. Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa. In LARROSA, Jorge (et.al.) *Déjame que te Cuente: Ensayos sobre Narrativas y Educación*. Barcelona: Ed. Laertes, 1995.

CLANDININ, D; CONNELLY, F. *Pesquisa narrativa: experiências e história em pesquisa qualitativa*. Uberlândia: EDUFU. 2015.

DINIZ, Débora. GEBARA, Ivone. (2022). *Esperança feminista*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

DO AMARAL, Débora Medeiros; DORNELES, Aline. *Cartas narrativas sobre cotidianos escolares: movimentos de palavras faladas e palavras escritas*. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, [S. l.], v. 7, n. 22, p. 869–884, 2022. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2022.v7.n22.p869-884. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/15106>.

DORNELES. Aline. Rodas de Investigação Narrativa na Formação de Professores de Química: pontos bordados na partilha de experiências. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde), Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2016.

DORNELES, Aline. Machado.; SUÀREZ, Daniel Hugo. Documentação narrativa de experiências pedagógicas na formação docente em redes. Horizontes, [S. l.], v. 41, n. 1, p. e023010, 2023. DOI: 10.24933/horizontes.v41i1.1645. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1645>

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago. *Revelar-se ou ocultar-se? apontamentos para pensar uma pesquisa educativa*. In: Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas. Orgs. Adrienne Ogêda Guedes e Tiago Ribeiro. Rio de Janeiro: Ayou, 2019.

HOOKS, Bell. (2017). *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras; 2 edição, 2019.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana - Danças, piruetas e mascaradas* (6^a ed. ed.). Editora Autêntica. 2019.

LISPECTOR, Clarice. *Aprendendo a viver*. Rio de Janeiro: Editora Rocco. 2004.

MACHADO DORNELES, A.; GALIAZZI, M. do C. Cirandar entre cirandas de escrita: Experiência de formação em rede . Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade, [S. l.], v. 31, n. 66, p. 116–132, 2022. DOI: 10.21879/faeeba2358-0194.2022.v31.n66.p116-132. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/13451>

MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R. (2020). (De)Colonialidades na relação Escola-Universidade para a formação de professoras(es)de Línguas (1^a ed ed.). Editora Pontes. <https://orcid.org/0000-0002-0539-0293>

MORIN, Edgar. (2005). *Ciência com consciência*. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. - Ed. revista e modificada pelo autor - 8 ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

NAJMANOVICH, Denise. *O sujeito encarnado – questões para pesquisa no/do cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NEY, Lilian da Silva; DORNELES, Aline Machado. *Mulheres Trabalhadoras em Educação não Docentes* - Uma possibilidade de pesquisa. 20^a Mostra da Produção Universitária - MPU. Rio Grande, outubro, 2021. ISSN: 2317-4420. Disponível em: <https://mpu.furg.br/anais1/28-mpu-2021/193-3-17anais-mpu-2021-encontro-de-pos-graduacao-epg> Acesso em 26/02/2024.

PORTE, Luis; RAMALLO, Francisco. Una conversación polifónica cuir acerca de quéhacen los relatos con nosotrxs. In: Traduttore, traditore : la cuestión de la (im)pertinencia del análisis académico sobre los relatos docentes / Mauricio Núñez Rojas ... [et al.] ; coordinación general de Mauricio Alejandro Núñez Rojas. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2022.

RIBEIRO, Tiago. *Conversa*. In: Dicionário de Pesquisa Narrativa / Orgs. Graça Reis, Inês Barbosa de Oliveira, Patrícia Baroni. - Rio de Janeiro, RJ: Ayvu, 2022.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. (2018). É possível a conversa como metodologia de pesquisa? In: Ribeiro, Tiago; Souza, Rafael de; Sampaio, Carmen Sanches. Conversa como metodologia de pesquisa: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu.

SKLIAR, C. Lo dicho, Lo escrito, Lo ignorado. Ensayos mínimos entre educación, filosofía y literatura. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2011.

SUÁREZ, Daniel. A documentação narrativa de experiências pedagógicas como estratégia de pesquisa – ação - formação de docentes. In: PASSEGGI, Maria Conceição (org.); BARBOSA, Tayana (org.). Narrativas de formação e saberes biográficos. São Paulo: Ed. Paulus, 2008.

SUÀREZ, D.H. (2016). Relatos de experiencia, redes pedagógicas y prácticas docentes: documentación narrativa de experiencias escolares en el nivel inicial.
https://www.jstor.org/stable/j.ctvtxw30v.10?seq=1#metadata_info_tab_contents

ⁱ Na intenção de inventar outros significados, optamos por juntar algumas palavras, utilizando-nos do princípio da juntabilidade, a partir dos estudos com os cotidianos (Nilda Alves).

ⁱⁱ Em respeito ao desejo da autora de ter seu pseudônimo grafado em minúsculo, como uma forma de se posicionar politicamente e de valorizar a coletividade e, também, para que prestássemos mais atenção a sua obra do que em sua pessoa.